

Urdimento

Revista de Estudos em Artes Cênicas

E-ISSN: 2358.6958

Bioescritas como dispositivo de construção dramatúrgica com adolescentes privados de liberdade

Marcelo Castro

Para citar este artigo:

CASTRO, Marcelo. Bioescritas como dispositivo de construção dramatúrgica com adolescentes privados de liberdade. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/14145731033920200120>

Bioescritas como dispositivo de construção dramática com adolescentes privados de liberdade¹

Marcelo Castro²

Resumo

Esta escrita apresenta parte da pesquisa de Mestrado em Ensino de Artes realizada com adolescentes privados de liberdade em cumprimento de medidas socioeducativas na Unidade de Atendimento Socioeducativo de Benevides (PA). Objetivou-se investigar o processo criativo do espetáculo *O voo dos meninos-pássaros*, que foi construído a partir das bioescritas dos adolescentes, e com base no Teatro do Oprimido. Essas grafias apresentam potências reflexivas desses jovens, os quais, com suas experiências de vida e visões de mundo singulares, convidam-nos a conhecer a realidade na perspectiva de quem está dentro da história.

Palavras-chave: Adolescentes privados de liberdade. Bioescritas. Teatro do Oprimido.

Bio-written as a device for dramaturgic construction with adolescents deprived of their liberty

Abstract

This writing presents part of the Master's research in Arts Pedagogy carried out with incarcerated adolescents in compliance with educational standards in the Benevides Socio-Educational Care Unit (PA). The aim was to investigate the creative process of the show *The Flight of Bird Boys*, which was built from the automatic writing of the adolescents and based on the Theatre of the Oppressed. These texts present reflective powers of these young people who, with their unique life experiences and world views, invite us to get to know reality from the perspective of those within history.

Keywords: Adolescents deprived of freedom. Bio-writes. Theatre of the Oppressed.

¹ Revisão do texto realizada por Débora David das Neves. Professora de Língua Portuguesa da Escola de Aplicação da UFPA. Doutora em Linguística – UFPB, 2009. Mestra em Linguística – UFPA, 2000. Especialista em Língua Portuguesa – UFPA, 1988. Licenciada Plena em Letras – UFPA, 1985. Experiência tanto em relação à elaboração de provas e correção de redações para concursos, quanto em relação à revisão de textos acadêmicos e de livros desde 1993.

² Ator, performer, diretor e produtor de Teatro. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Ensino de Artes pelo Programa Prof.-Artes UDESC/UFPA. marcelocastroblm@gmail.com

Las bioescrituras como un dispositivo de construcción dramática con adolescentes privados de libertad

Resumen

Este escrito presenta parte de la investigación del Master en Enseñanza de las Artes que se realiza con los adolescentes privados de libertad en cumplimiento de las medidas socioeducativas en la Unidad de Atención Socioeducativa (PA) de Benevides. El objetivo era investigar el proceso creativo del espectáculo El vuelo de los chicos pájaro, que se construyó a partir de los bio-escritos de los adolescentes, y basado en el Teatro de los Oprimidos. Estos hechizos presentan los poderes de reflexión de estos jóvenes que, con sus experiencias de vida y visiones del mundo únicas, nos invitan a conocer la realidad desde la perspectiva de aquellos que están dentro de la historia.

Palabras clave: Adolescentes privados de libertad. Bio-escrituras. Teatro de los Oprimidos.

Acompanhado pelos meninos-pássaros³, realizei uma longa caminhada por nove longos meses, quarenta imensas semanas e duzentos e oitenta intensos dias, jornada gerada no ninho⁴ – Unidade de Atendimento Socioeducativo de Benevides, município localizado a 35 km, na região metropolitana de Belém. A referida unidade recebe adolescentes de todo o estado do Pará. Participaram da vivência cênica quinze socioeducandos. A partida ocorreu no dia dezessete de abril de dois mil e dezenove e a chegada ao destino final no dia vinte e quatro de janeiro de dois mil e vinte.

Conduzi a viagem segurando com firmeza nas mãos dos meninos-pássaros para que pudéssemos chegar juntos ao nosso destino. Mas, infelizmente, um deles foi abatido no meio do caminho. Tornou-se estatística como milhares de outros meninos-pássaros mundo afora. De acordo com pesquisas da UNICEF, em cada sete minutos, em algum lugar do mundo, uma criança ou um adolescente é morto, vítima de violência. Somente em 2015, de acordo com dados de relatórios do Fundo das Nações Unidas para a Infância⁵, mais de 82 mil meninos e meninas de dez a dezenove anos morreram vítimas de homicídios, ou de alguma forma de conflito armado, ou violência coletiva. Desses óbitos, 24,5 mil foram registrados na América Latina e no Caribe. Ainda, o Brasil é o sétimo país que mais mata jovem, segundo a Agência da ONU.

A escolha por esse caminho investigativo deu-se por ser uma estrada que já trilhei na minha vida. Criado só pela minha mãe, que sozinha alimentou nove filhos, fui um menino que também viveu na vulnerabilidade social de uma comunidade pobre e desassistida desse país. Logo, as histórias de vida desses meninos atravessam a minha vida, pois o ponto de partida da caminhada da minha vida foi o mesmo. Saímos exatamente do mesmo lugar. Mas a vida fez-me tomar rumos e trilhas diferentes, e por isso cheguei a um programa de Mestrado da Universidade Federal do Pará, consciente de que não foi por méritos meus, pois a meritocracia

³ O Termo refere-se aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas privados de liberdade que participaram da experimentação.

⁴ Termo utilizado para se referir à Unidade.

⁵ Andreia Verdélio. UNICEF: violência mata uma criança ou um adolescente a cada 7 minutos. Agência Brasil, Brasília, DF, 01 de nov. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-11/unicef-violencia-mata-uma-crianca-um-adolescente-cada-7-minutos>. Acesso em: 20 nov. 2019.

nesse país só potencializa as injustiças sociais. A minha história é uma exceção. Infelizmente poucos negros ocupam esse espaço social.

Mergulhar nesta temática gerou a necessidade de um olhar mais atento para a juventude das comunidades de nosso país, porque, além dessa barbárie de jovens mortos, vítimas de violência, há outro problema grave e endêmico no país, os adolescentes envolvidos com o crime. O sistema de atendimento socioeducativo revela-se com índices elevados de adolescentes privados de liberdade. O levantamento realizado pelo Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e das Medidas Socioeducativas do Conselho Nacional de Justiça (DMF/CNJ)⁶ sobre o quantitativo de menores que cometeram infrações em regime de internação no Brasil mostra que existem hoje mais de 22 mil jovens internados nas 461 unidades socioeducativas em funcionamento em todo o país. No Pará, os dados de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, de acordo como o *Relatório de Gestão da Fasepa*⁷, são os seguintes: de janeiro a dezembro de 2018, foram atendidos 2.459 adolescentes e jovens, sendo 555 na custódia, 975 na Internação Provisória, 807 na internação e 122 na semiliberdade.

Faz-se necessário enfatizar que não apresentarei um perfil dos adolescentes a partir da minha percepção de pesquisador, o que evita uma descrição subjetiva, uma tradução imprecisa e inconsistente. A intenção é que os perfis sejam desvelados pelo leitor a partir da leitura das bioescritas dos adolescentes e suas vivências enquanto socioeducandos. Os sujeitos-autores⁸ da investigação revelaram-se mediante um processo de subjetivação. Assim, fez-se um esboço de construção das identidades pessoais, para se obter um painel sobre a vida dos adolescentes no contexto de privação de liberdade, além de reconstituir seus percursos vivenciados que os conduziram à instituição, onde os encontrei e vivenciamos o processo criativo do espetáculo.

⁶ Paula Andrade e Luiza Fariello. Há mais de 22 mil menores infratores internados no Brasil. *Agência CNJ de Notícias*, Brasília, DF, 09 de nov. de 2018. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/ha-mais-de-22-mil-menores-infratores-internados-no-brasil/>. Acesso em: 10 maio 2019.

⁷ Relatório de Gestão da Fasepa 2015-2018. Belém, PA, 2018. Disponível em: <http://fasepa.pa.gov.br/?q=node/1279>. Acesso em: 24 nov. 2019.

⁸ Considero os adolescentes coautores deste trabalho.

As bioescritas dos meninos-pássaros foram coletadas durante as oficinas pelo processo de escuta livre, bem como pelo acesso a cartas, diários e outras escritas produzidas por eles, e não por meio de entrevistas, nem de questionários estruturados. O Teatro do Oprimido possibilitou criar um espaço de fala e escuta a partir das experiências compartilhadas com adolescentes durante as oficinas, em torno de questões e tensões colocadas por eles, tendo em vista a realidade em que vivem e viviam. Portanto, o Teatro do Oprimido propiciou segurança para os meninos contarem as suas histórias durante os laboratórios.

Assim, os meninos-pássaros sentiram-se motivados para desenvolver as suas grafias do modo como queriam. Apenas os ajudei a fazer o que queriam. Essa foi minha postura.

Acerca da liberdade do indivíduo para fazer o que quer, Boal (2003), ao trabalhar com os oprimidos, tinha a seguinte premissa: “apenas ajudamos a fazer o que querem”, ou seja, eles têm voz, apenas são ignorados e suas vozes são silenciadas na sociedade. Com o Teatro do Oprimido, eles falam e fazem o que querem. Boal destaca:

Quando digo teatro popular, digo povo: não são artistas – profissionais ou amadores – interpretando papéis de povo, mas o próprio povo revelando-se artista: são moradores de favelas, negros ou brancos, trabalhadores nas indústrias e camponeses sem terra, gente de igrejas e de associações de bairro... Improvisam, escrevem e encenam suas obras – nós apenas ajudamos a fazer o que querem. (Boal, 2003, p. 12).

Além das escutas durante as oficinas de Teatro do Oprimido, também utilizei vídeo-diário. Os meninos faziam uma espécie de diários filmados. Eu ligava a câmera do celular e eles falavam como estavam se sentindo, como tinha sido o dia deles e o que eles fizeram. Esses meninos têm uma facilidade grande com a tecnologia. Eles adoram tirar fotos e gravar vídeos, então foi um recurso interessante de escuta. Eles ficavam à vontade e permitiam-se contar suas histórias de vidas. E esse recurso me garantiu um vasto e rico material, que ora apresento em recorte.

Ainda sobre a importância da escuta, vale destacar as considerações de Fátima Freire Dowbor (2008), para quem a escuta como “uma das primeiras

posturas pedagógicas do educador”. Prossegue a autora: “Se o ato de escuta é percebido e exercitado como instrumento metodológico de trabalho, o educador tem condições de realizar uma leitura mais adequada sobre as necessidades daquele quem educa.” (Dowbor, 2008, p. 36).

Nesse contexto de escuta, há de pontuar também as fundamentais contribuições da Psicanálise. Segundo os estudos psicanalíticos, a escuta tem uma importância imprescindível, pois o método proposto pela psicanálise tem sua origem na escuta do sujeito que sofre, por isso é importante que essa escuta analítica se desdobre numa escuta de si. Percebe-se que a escuta na psicanálise vai se revelando na medida em que são percorridos os estudos freudianos. As indicações da técnica, assim como os desdobramentos teóricos, direcionam sempre para a preocupação de Freud de que a psicanálise não perca o que a diferenciava das demais possibilidades terapêuticas: o valor dado ao autoconhecimento e à liberdade pessoal. O que visa ser escutado na psicanálise resulta em uma psicanálise da escuta.

Em tese, a minha escuta não foi de fato uma experiência psicanalítica ao pé da letra. Assim, as orientações psicanalíticas serviram-me de fundamentação à historização dos adolescentes e ao modo de me posicionar diante deles, uma postura de ouvinte, sem emitir opinião, ou juízos de valor, nem expressar as minhas emoções diante de histórias tão fortes que ouvia. Nessa perspectiva da Psicanálise, procurei posicionar-me como o *analisando* e observando os meninos como *analisados*. Esses termos foram empregados apenas no sentido da escuta mesmo, pois a minha intenção não era analisá-los, mas apenas ouvi-los. O objetivo foi respeitar a singularidade desses meninos, propiciar-lhes um momento tranquilo e agradável, sem constrangimentos, e, com segurança e confiança, pudessem falar de si.

Os meninos-pássaros revelaram-se interlocutores potentes, pois liberaram suas emoções ao contarem as suas histórias. Sendo assim, esses meninos expressaram sobre si por meio de um processo de subjetivação. Fizeram uma autodescrição e autocaracterização, criando assim um esboço de construção das identidades pessoais. E a partir das histórias de cada um foi possível construir um painel de bioescritas com quinze grafias dos meninos-pássaros, em que eles se

despem, revelando-nos a realidade da vida em privação de liberdade e os mecanismos que os conduziram à situação em que se encontram.

As histórias têm algo em comum: o mesmo ponto de partida – as drogas; e o mesmo lugar de chegada – a unidade.

As bioescritas apresentam potências reflexivas dos jovens, pois estes apontam experiências de vida e visões de mundo singulares, convidando-nos a conhecer essa realidade na perspectiva de quem está dentro da história. Faz-nos pensar sobre a necessidade de olharmos com atenção para os nossos jovens, porque eles têm muito a nos dizer e nós temos muito a aprender com eles.

Enfim, as bioescritas dos adolescentes foram utilizadas como dispositivo de construção da dramaturgia do espetáculo, o que ampliou o protagonismo dos meninos-pássaros e conferiu-lhes o status de coautores desta investigação. Vamos ouvi-los?⁹

Se não tivessem matado o meu pai eu não estava aqui nesse lugar

Meu nome é João. Eu tenho dezesseis anos. Eu tenho quatro fugas. E eu voltei pra cá. Fiz muitos atos. Fiz 157¹⁰. Lá fora eu fumava maconha. Cheirava cocaína. Bebia. E agora aqui preso estou pensando melhor na minha vida. Porque isso daí é só ilusão. O diabo quer só um pezinho para o cara tá lá no inferno. Hoje em dia eu me arrependo de tudo que eu fiz. Eu queria ter mais uma chance. Se Deus quiser eu vou ter mais uma chance pra mim mudar. Eu quero trabalhar. Pensar um pouco mais na minha vida antes de fazer o que eu fiz. Agora eu vou cumprir esse ato que eu fiz aí. Sair pela porta da frente e eu creio que quando eu sair eu vou arranjar um trabalho. E vou mudar. Vou ser um homem honesto. Eu já tive

⁹ Na transcrição das falas dos adolescentes foi mantido o registro informal da linguagem exatamente como eles falaram.

¹⁰ 157 é uma gíria usada para dizer que uma pessoa foi presa por assalto à mão armada. Ela também é comumente utilizada entre os próprios detentos e socioeducandos, quando querem falar de modo mais discreto sobre a ação de assaltar alguém. Esta gíria tem como referência o Artigo 157 do Código Penal Brasileiro, que descreve o crime de assalto mediante ameaça ou violência.

Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência.

muitos livramentos de Deus. Só agradeço, porque Deus é maravilhoso. Só Deus sabe o que eu já passei nessa vida. Daqui pra frente só mudar. O cara só vai pensar nas coisas que fez quando o cara está preso. Daí tu vai pensar: “O que foi que eu fiz?”. Tu vai refletir. “Égua, porque que eu fiz isso?”. Agora, tem uns caras que não querem saber. Pensam que é uma brincadeira.

Eu entrei para o crime através dos amigos. A primeira vez que eu me entrosei com os caras foi pra fumar maconha. Comecei primeiro fumar maconha dada pelos meus amigos. Depois comecei a usar brinco. Comecei a fazer tatuagens. Depois comecei a cheirar cocaína e fumar cigarro. E cometer esses atos que eu fiz. E foi assim que eu comecei no mundo do crime.

Eu sou de Bragança. E vim para a UASE porque lá na minha cidade não tem lugar de menores, como esse que estou. A minha família é bom de se viver. Só tenho mãe. O meu pai já faleceu. Meu pai morreu quando eu tinha só um ano de idade. Meu pai foi assassinado a tiros lá em Manaus. A minha mãe que me contou essa história. Cresci ouvindo essa história. Desde criança eu sou revoltado com o que fizeram com o meu pai. Se não tivessem matado o meu pai eu não estava aqui nesse lugar onde estou.

A minha mãe é da igreja. A minha mãe sempre vem me visitar. Ela não falta nenhuma visita. Toda sexta feira ela está aqui. Graças a Deus. Eu tenho um irmão mais velho. Ele tem vinte e quatro anos. O meu irmão, graças a Deus não entrou por esse caminho. Só eu mesmo. Meu futuro é sair daqui e pensar melhor na minha vida e trabalhar. Ganhar dinheiro do meu suor. Honestamente. Se Deus quiser. Deus me ajudando. Eu creio que em nome de Jesus eu vou mudar. Eu vou abandonar essa vida. Não é porque eu estou preso que eu estou falando isso. É porque está saindo do meu coração. O maior sonho da minha vida é ter uma casa na praia com uma piscina. Trabalhar e conseguir se manter bem. Porque infelizmente não é assim. A gente passa por muita dificuldade financeira. Às vezes mesmo o cara trabalhando não pode dar uma vida boa para os seus filhos.

Eu estudei só até a etapa de quinta e sexta série. Eu parei de estudar porque eu estava aqui em Belém e depois fui pra Bragança e comecei a fumar maconha pra lá. Comecei com a malandragem e fui e o tempo passou e eu não voltei mais pra Belém. E não voltei a estudar lá. Eu sou de Bragança. Mas a minha família tem

casa em Belém. Agora a minha família está morando em Castanhal. Quando eu sair daqui, eu vou mora lá.

Eu já matei, mas graças a Deus não caiu no ato que eu fiz e estou pagando aqui. Eu matei só uma pessoa mesmo. Foi de paulada, bicuda na cara. Eu e o meu primo que matamos o cara. Eu matei ele porque estava devendo pra nós. Essa pessoa chegou e bateu na cara de uma mulher na nossa frente. Sem falar nada e ele já estava devendo pra gente. E foi aí que nos aproveitamos. A mulher desmaiou com o tapa. Eu estava drogado também. Eu tinha cheirado cocaína. Aí foi que eu comecei a dar pauladas e bicudas nele. Até nós matar ele. Quebrou o braço dele. Demos muita pulada na cabeça dele. E ele morreu. Eu soube que os parentes dele estavam atrás de mim. Mas isso não deu em nada não. Graças a Deus. Eu não me arrependo muito de ter matado ele porque o que ele fez também foi errado. Estava devendo a gente e ainda bateu na mulher na nossa frente. Eu não me arrependo não. Disso não.

Eu fui preso a primeira vez em 2017. Aí eu fui fugindo e fugindo. Eu não aceitava ficar preso. Fugí quatro vezes. Eu fugia e me prendiam de novo. Mas eu só pensava em fugir de novo. É muito ruim o cara ficar preso. E primeira que eu fui preso eu tinha quatorze anos. Já tem mais de dois anos que estou nessa situação. Não de prisão direto. Mas eu fugia. Ficava um tempo fora e voltava. Aqui na UASE agora só tem um mês e quinze dias. Ainda falta muito tempo pra eu sair. Parece que eu ainda vou puxar um ano. É o que falaram para a minha mãe.

Quando eu sair daqui, eu vou pensar mais antes de fazer as coisas. Eu quero mudar. Eu vou mudar.

Se eu não estivesse aqui tenho certeza que eu já estaria morto

O meu nome é Paulo. Eu tenho dezessete anos. Fiz no início desse mês¹¹. Eu sou de Paragominas. Quando eu era mais menor. Quando eu tinha dez anos, a minha vó morreu e a minha mãe me levou pra Bacabal, no Maranhão. Lá a minha mãe ficou muito doente. Ela foi no médico e descobriu que tinha diabetes. Mas ela

¹¹ Refere-se ao mês de maio de 2019, quando ele fez este relato.

precisava trabalhar para cuidar de mim e dos meus irmãos. Ela trabalhava de empregada doméstica. Ela não se cuidava e com o tempo apareceu um ferimento no pé que não sarava. Eu fiquei preocupado com a minha mãe e comecei a vigiar carros pelas ruas da cidade para conseguir dinheiro pra ela fazer o tratamento. Ela precisava fazer um enxerto de um tipo de carne no ferimento. E eu juntei um dinheiro pra ajudar a comprar esse tipo de carne que os médicos usam pra colocar em ferimentos quando estão com buracos como estava o pé da minha mãe. Foi a minha tia que me falou isso, que a minha mãe precisava fazer isso pra não ter o pé amputado. Aí, eu dei todo o dinheiro que eu juntava para a minha tia, pra ela pagar o médico da minha mãe. Eu não queria que a minha mãe ficasse aleijada. Aí a minha mãe fez esse tratamento e melhorou. Quando ela ficou boa, ela matou a ex-mulher do meu pai. E fugiu e me deixou rodado¹² lá no Maranhão.

Eu fiquei sozinho em Bacabal e resolvi ir embora de lá. Eu vim de carona pra Paragominas pra morar com o meu pai. Quando eu cheguei em Paragominas, a minha vó me falou que o meu pai estava foragido também, que ele tinha matado um dos amantes da mãe e fugiu. O meu pai e a minha mãe estão foragidos até hoje. Isso começou a dar um rancor no meu coração. Começou a me dar um ódio. Ficar assim abandonado pelos meus pais. Porque os meus irmãos eles levaram. Mas eu, me deixaram na rua. Aí, eu comecei a fazer o que não presta. Comecei a roubar. Meus parentes começaram a me instigar. Falavam que eu não prestava. Aí, eu ficava mil grau e começava a roubar de novo. Ia preso e ninguém ia me visitar. Ninguém ia me buscar na delegacia.

E um certo dia quando eu saí da delegacia decidi ir embora de Paragominas. E fugi pra Belém. Eu sentia vontade de voltar para a cidade do Maranhão onde a minha mãe me levou. Eu achava que ia encontrar minha mãe lá. Mas eu não podia voltar porque lá eu roubei parentes de um policial. Eu não sabia que as vítimas eram parentes de policial. Era mãe do policial. E também roubei o pai do mesmo policial. Eu fiz isso porque fui mandado pelos caras. Isso foi uma casinha¹³ que os caras fizeram pra me pegar. Com isso eu me dei mal e fiquei pichado. O policial

¹² Sozinho, abandonado.

¹³ Armação.

querendo me matar.

Daí eu fui pra Belém. Lá eu fiquei pelas ruas, às vezes vigiando carro e às vezes fazendo os corre¹⁴. Eu morava num abrigo. E nesse abrigo tinha uma gangue que queria me pegar e eu batia de frente com eles. Eu até esfaqueei uns e outros lá. Os caras também deram uma facada no meu braço. De lá pra cá foi só coisa que não presta.

Apesar de fazer coisas erradas Deus me deu um livramento. Deus me deu um bocado de luz e muitos livramentos. Mas eu não via os livramentos que Deus me dava e continuava fazendo coisas erradas. Eu não estava nem aí. Hoje em dia eu vejo que ele está me dando um livramento. Me colocou aqui na unidade. Porque isso aqui não é uma cadeia. É um centro de recuperação para o cara pensar e refletir no que fez. Deus está me dando outra luz e outra oportunidade. Se eu não estivesse aqui eu tenho certeza que eu já estaria morto. Aqui é uma família que vai me ensinar um caminho. Está me ensinando o que é certo e o que é errado. Coisas que o meu pai e a minha mãe nunca me ensinaram. Aqui estou aprendendo cada dia mais. Não estou me envolvendo em coisa errada aqui dentro. Aqui é o melhor lugar do mundo pra eu ficar nesse momento. Eu quero ficar aqui, tudo certinho e pagar pelas coisas erradas que eu fiz.

Eu vim parar aqui no último corre que eu fiz. Ataquei a vítima e roubei o celular numa praça e fiquei por lá mesmo usando massa. Já estava acostumado porque eu sempre roubava nesse lugar e não dava em nada. Daí roubei a senhora e fiquei de boa. Ainda ia fazer outro corre. Aí eu tava sentado e nem vi nada. Eu tava de costas e o policial veio e me levou pra viatura. Fui pra delegacia do menor fiquei uns dias no CIAM. E como ninguém da minha família apareceu me trouxeram pra cá.

A assistente social me falou que eu já cumpri a minha medida socioeducativa. Mas que eu ainda não saí porque ninguém da minha família veio me buscar. Nunca recebi visita de ninguém. E o juiz não deixa eu sair assim, sozinho. Eu ainda sou de menor. Se eu tivesse dezoito anos eu ia sair. Mas só faço dezoito anos no ano que vem. A assistente social me falou que tentou contato com a minha família. Parece

¹⁴ Assaltos.

que até falaram com a minha vó que mora em Paragominas. Mas ela nunca veio aqui me buscar. E pelo jeito nem vem. Aí a assistente social foi num negócio de padre, acho que é um seminário. E o padre veio me visitar. Eu gostei do padre. Ele tem vindo me visitar. Aí a assistente social que me acompanha está vendo com o juiz o documento para o padre ficar responsável por mim. Tipo uma adoção, sabe? Aí quando o juiz permitir. Eu vou morar lá. Eu já fui visitar lá. Eu gostei muito de lá. É uma chácara em Marituba. Não vejo a hora de ir pra lá. Ficar livre. Ei, mas eu não quero ser padre, não. O padre me disse que não preciso ser padre, se eu for morar lá.

Aqui é bom. Não tenho o que reclamar. Mas é uma prisão. E nada melhor que a liberdade. Eu sei que agora tudo vai dar certo na minha vida. Agora é só agradecer a Deus e nunca mais fazer coisas erradas.

Hoje eu aprendi a sonhar. Antes eu não tinha sonho, não. Não pensava no futuro. Mas ficar aqui o que mais eu tenho feito é sonhar. E lá no meu QC me vem um monte de sonhos. Eu sonho que quando eu sair daqui eu quero trabalhar e formar uma família. Quero ter uma mulher e filhos. Eu tenho um dom, eu sei desenhar. Meu sonho é ser desenhista. Eu desenho muito bem, todo mundo fala. Eu fiz quase todos os desenhos lá da biblioteca. E só de cabeça, sem olhar pra nada. Também quero fazer teatro. Eu quero ser artista. Apesar dessa vida que eu levava fazendo coisas erradas, também fiz umas coisas boas nas estradas. Teve uma época que eu acompanhei um circo numa cidadezinha do Maranhão e fiquei quase um ano morando lá e preendi muita coisa. Fazia acrobacia. Esse circo é a lembrança mais feliz de toda a minha vida. Que pena que eu não continuei por lá. Quero fazer teatro. Acho que levo jeito. O senhor tem me elogiado muito aqui nas aulas de teatro, né professor? Muito obrigado, professor.

Eu sou macho, mano!

O meu nome é Guilherme. Eu tenho dezessete anos. Eu morava em Marabá. Mas eu sou de Fortaleza. O meu sonho antes era ser jogador de futebol, pelo menos eu acho que era. Quando eu era menor eu jogava numa escolinha de

futebol de lá e tudo. O meu pai me dava a maior força. Hoje, eu acho que era o sonho dele e não meu. Ele me levava nas peneiras de times e tudo. Diziam que eu tinha muito talento. Mas com quatorze comecei a beber. Sair com os amigos e aí a minha vida mudou totalmente. Nunca mais fui o mesmo cara. E o meu pai passou a me odiar por isso. A gente brigava muito.

Mas hoje eu quero ser desenhista. Hoje eu até prefiro ser desenhista do que ser jogador. Não penso mais em ser jogador. Porque eu sei desenhar qualquer tipo de desenho. É só me mostrar o desenho e eu faço na parede, no muro e em qualquer lugar. Também faço da minha cabeça. Aqui eu descobri que eu tenho esse dom de. Eu já sabia desenhar lá fora. Mas, tipo assim, eu não levava muito a sério desenho. Daí um dia eu fiz um desenho aqui e a minha técnica ficou muito admirada. Tirou foto e tudo. Depois trouxe um cavalete com um papel bem grandão e eu fiz um desenho que ficou da hora. Até o senhor tirou foto dele. O senhor já viu como tá ficando a biblioteca? Estão reformando a biblioteca e eu os manos lá estamos fazendo os desenhos.

Apesar da coisa grave que eu fiz eu tenho um bom comportamento aqui. As técnicas estão me avaliando pra eu subir pra conclusiva¹⁵. E elas estão falando coisas boas de mim. Elas me falam que estão me dando uma oportunidade, que vão cuidar de mim, lutar por mim. Elas me ajudam muito. Me dão roupa. Me dão livros. Quando eu vim pra cá eu fui abandonado pela minha família. Quer dizer pelo meu pai. A minha mãe morreu quando eu tinha dez anos. Ela morreu de câncer de mama. Eu era único filho dela. A gente morava em Fortaleza e quando ela morreu eu fui morar com o meu pai e a minha madrasta lá em Marabá.

Hoje eu estou feliz. O meu irmão veio me visitar. Estou aqui a mais de um ano e essa foi a única visita que eu recebi. Eu pensava que a minha família não gostava de mim. O meu irmão apareceu e veio me visitar. Comprou uns negócios pra mim. Me deu roupas novas de presente. Fiquei muito feliz mesmo. E me disse que quando eu cumprir a minha medida ele vem me buscar e eu vou morar com ele. Meu irmão já tem família. Já é casado. É meu irmão por parte de pai. Parece que ele tens uns trinta anos, não sei direito. Mas é isso mesmo. Fazia tempo que

¹⁵ Fase final do cumprimento de uma medida socioeducativa.

a gente não se via. Ele sempre ia visitar meu pai. Ele mora em São Paulo. Foi a minha técnica que conseguiu falar com ele. Aqui as técnicas ajudam muito a gente. Teve um dia que conversei com ele no celular dela. E também foi ela que combinou a visita dele. Agora fiquei mais tranquilo em saber que tenho um lugar pra ficar quando eu sair daqui. Tinha medo de quando sair não ter lugar pra ficar. No fim do ano faço dezoito anos. Se a minha medida não tiver terminado eu vou pra outra unidade. Aqui a gente fica só até dezoito anos. Mas se até lá eu já tiver cumprido a minha medida eu já tenho pra onde ir. Meu irmão prometeu que vem me buscar.

Depois que estou aqui não tive contato com mais ninguém da minha família. A última vez que vi meu pai foi quando ele foi no CIAM de Marabá, parece que ele tinha que assinar uns documentos. Daí ele foi me ver e me bateu muito. Me deu muito tapa na minha cara e os policiais tiraram ele de cima de mim. Falou que ele não era mais meu pai. Que eu tinha morrido pra ele. Nem sei se uma dia ele vai me perdoar. Meu irmão disse que ele foi embora de Marabá. Ele está morando no Ceará. Ele tinha um pequeno comércio em Marabá. Mas depois do que eu fiz lá ele fechou o comércio no mesmo dia e foi embora. O que eu fiz lá teve muita repercussão na cidade.

Eu fiquei pouco tempo no CIAM em Marabá, daí teve um problema lá. Uma rebelião. E uns caras queriam me matar. E eu vim parar aqui nesse lugar. Nem sei onde fica essa cidade¹⁶. Eu vim de noite numa vã. Não conheço nada pra cá. E agora eu tô aqui pra pagar pelo o que eu fiz [...]¹⁷

Eu matei um cara que a gente era muito amigo. Me arrependo muito disso que eu fiz. Ele era muito bom pra mim. Dava tudo que eu queria. Ele não merecia aquilo que eu fiz. Eu estava transtornado. Na minha cabeça parece que foi um sonho. Na verdade um pesadelo.

Eu comecei a beber muito cedo, com treze pra quatorze anos com um grupo de amigos. E com o tempo além de beber comecei a usar drogas. Comecei com

¹⁶ Refere-se à cidade de Benevides, onde fica situada a UASE.

¹⁷ Nos primeiros relatos, ele não queria falar sobre o delito. E eu sempre respeitei o limite dele e de todos os meninos. Não perguntava sobre o delito. Eles falavam livremente quando se sentiam seguros. Falei que ele não precisava me contar. Eu percebia que ele ficava muito constrangido. Mas um dia eu fui surpreendido. Ele me disse que queria fazer o vídeo-diário daquele dia contando o que tinha feito.

maconha e depois cocaína e depois bala. Eu saía pras festas com os modinhas¹⁸ da cidade. Quando eu tava viciado eu comecei a traficar pra manter o vício. Na verdade era assim, eu passava só em troca do meu consumo mesmo. E como eu frequentava lugares bacanas, com uma galera da alta eu me dava bem.

Os meus amigos estavam sempre bem vestidos e tinham grana pra curtir. Eu pensava que eles eram ricos. Mas um dia eu descobri como eles ganhavam grana. Ouvi eles conversando e um cara chamou outro de come-veado¹⁹. Achei aquilo estranho. Mas não disse nada pra eles. E com o tempo eles foram se acostumando comigo e falavam abertamente sobre os corres de “comer veado”.

Os meus corres com as massas estavam complicados. Eu tava devendo o meu distribuidor. O cara me pressionando. Me ameaçando de morte. Precisava levantar uma grana pra acertar a dívida. Daí conversei com um amigo que fazia os corres com os veados e ele me falou como fazer. Pra mim fazer uma conta nos aplicativos de relacionamentos de gay e pronto. Ele me disse que novinho como eu fazia muito sucesso. Mas eu tinha que mentir a idade. Falar que tinha mais de dezoito anos. E eu só tinha quinze ainda, perto de fazer dezesseis. Mas todo mundo dizia que eu parecia ter bem mais. O negócio do aplicativo deu certo mesmo. No mesmo dia encontrei um cliente. Eu sempre ia fazer esses corre chapado de cocaína, ou bala. Quando o cara tá chapadão ele é capaz de tudo. No dia seguinte eu nem lembrava da cara do veado, muito menos do que tinha feito.

Eu fui fazendo os corre com os veado. A grana foi entrando. O negócio deu certo mesmo. Até eu conhecer o Mário. Esse cara tinha acho que uns trinta anos. Ele era dentista. Tinha um consultório odontológico na cidade. Com esse cara foi diferente. Com ele fiz coisas que jamais tinha feito com nenhum outro. Acredita que eu até beijava ele?

No primeiro dia que fui na casa dele não rolou nada entre a gente. Ele perguntou quantos anos eu tinha e eu disse que já ia fazer dezenove. Daí ele pediu o meu RG. E eu mostrei um falso. Eu tinha feito um RG falso que era pra eu entrar nas festas. Sou alto. Tenho um metro e oitenta e cinco. Acho que até cresci mais.

¹⁸ Jovens de classe média.

¹⁹ O termo refere-se à prostituição masculina.

Medi quando entrei na unidade. E também na época já tinha até um pouco de barba. E olha como ela está? Imagina quando eu tiver uns vinte anos. Ninguém acredita que tenho dezessete anos. Já tenho cara de velho. Todo destruído. Também eu aprontava muito.

Nesse dia foi tudo diferente. Jogamos videogame. Ele pediu uma pizza pra gente. Não me senti um objeto, como das outras vezes. Foi muito divertido, até. Normalmente eu ficava com os cara uns trinta a quarenta minutos. Era lance rápido. Mas aquele dia nem vi o tempo passar. E fiquei umas três a quatro horas na casa dele. Quando eu disse que ia embora ele quis me pagar. Eu disse que não precisava. Afinal, não tinha acontecido nada. E ele me levou pra minha casa. Quando ele estacionou na frente da minha casa ele pediu o número do meu WhatsApp. Ele iria viajar. E quando retornasse entrava em contato comigo.

Dia seguinte ele mandou mensagem. Todos os dias mandava mensagem. Duas semanas ele chegou de viagem e me mandou mensagem pra mim ir na casa dele. Quando cheguei lá ele me deu um relógio de presente. O tempo foi passando. Ele sempre me dava presentes. Quando eu queria sair ele me dava grana. Mas era diferente dos outros caras. Não parecia um programa como era antes. Não tinha negócio de valor. E eu parei de sair com os outros caras e só ficava com ele.

Com o tempo eu fui bebendo cada vez mais. Usando pó na casa dele. E ele não gostava. Ele sempre brigava. Me dizia que se eu não parasse de usar drogas ele não queria mais que eu fosse na casa dele. Começamos a brigar com frequência e numa dessas brigas eu agredi ele. Dei um soco na boca dele que sangrou. E ele me expulsou. Não retornava as ligações e nem respondia às minhas mensagens.

Isso passou mais de dois meses assim. Ele me ignorando. Daí, um dia vi ele numa boate com um boy e percebi um clima entre eles. Aquilo me subiu um ódio. Me deu vontade de matar eles dois. Mas os meus amigos me tiraram de lá.

Eu estava sofrendo muito. Acho que eu matei ele porque eu descobri que amava ele. E como eu ia amar um veado? Eu sou macho, mano! Eu tinha namorada e tudo. Eu gosto é de mulher, mano! Mas não sei como eu não parava de pensar nele. Sentia muita falta de ficar com ele. Era bom está com ele. Ele era gente boa. Me dava muito conselho. Dizia pra eu estudar. A gente ia pra Belém. Ele me levava

no shopping. No cinema. Comprava roupas bacana pra mim. Me levou até pra Salinas uma vez. Foi muito maneiro. E antes dele vir falar pra eu não ir mais atrás dele, ele estava combinando de me levar para o Rio de Janeiro.

Aí aconteceu. Eu tinha bebido muito aquele dia e cheirado muito pó. Eu tava muito transtornado porque o meu pai tinha ficado sabendo que eu fazia os corre com veados. O meu pai me chamou de veado. Disse que eu não era mais filho dele. Que tinha vergonha de mim. Me expulsou de casa. Passei o dia bebendo e quando estava chapado liguei pra ele e dessa vez ele atendeu. Eu pedi desculpas por ter agredido ele. Disse que sentia falta dele. Conteí que meu pai tinha me expulsado de casa. Ele ficou preocupado comigo. Insisti para gente conversar pessoalmente. E ele acabou cedendo. E veio me buscar na casa de um amigo.

Chegando lá conversamos. Não resistimos e acabamos transando e fomos dormir. Quando eu percebi que ele estava dormindo. Fui na cozinha só pra cheirar mais pó mesmo. E fiquei fora de mim. Peguei uma faca no armário e fiz o negócio. Nem lembro direito como foi. A polícia disse que eu dei mais de vinte facadas nele. Sinceramente não me lembro. Me sujei todo de sangue. Daí tomei banho. Acho que o efeito do pó foi passando e dei conta do que fiz. Daí pensei em fingir um assalto. Peguei a carteira dele, o celular dele e outras coisas. Revirei toda a casa. E saí no carro dele. O portão da casa dele era automático. Mas a casa não tinha câmeras. Então, pensei que ninguém ia me ver entrando e nem saindo. Depois eu abandonei o carro numa estrada deserta na saída da cidade. Saí de lá correndo. Andei um pouco a pé. E passou um moto-táxi e eu fui pra casa de um amigo. Ele ficou como desaparecido por uns dias. Maior comoção na cidade. Ele era bastante conhecido. Mas logo a polícia localizou o corpo. E também chegaram em mim e hoje eu estou aqui. E essa é a minha história.

Sou pai de família

Eu me chamo José. Sou de Santa Izabel. Tenho dezessete anos. A história que eu vim parar aqui é a seguinte. Tem dois anos que eu fiz um ato infracional. Depois de dois anos caiu o meu papel com a minha sentença.

Eu sou pai de família, eu tenho dois filhos. Eu estava criando os meus filhos. Eu estava trabalhando e estudando no SESI. A sentença caiu e eu tive que comparecer na delegacia. Quando eu cheguei na delegacia me prenderam por um ato que eu fiz há dois anos.

Eu roubei uma van. Nós estava pegando fuga de um outro ato que nós fizemos e entramos nessa van. Nós tentamos fazer um outro ato e deu errado, aí nós precisava pegar fuga. Entramos na van e fizemos o assalto.

Nesse dia que eu fiz o assalto o meu filho estava internado no hospital. Meu filho estava doente e eu não sabia o que fazer. Eu estava sem dinheiro. Eu trabalhava e só recebia por quinzena. E eu estava começando a trabalhar ainda, na primeira semana do serviço. E ia custar muitos dias pra eu receber o meu pagamento e por isso eu fiz esse ato infracional.

Eu e esses meus amigos que fizeram o assalto comigo a gente se conhecia desde quando eu era pequeno. E o homem de maior que estava com nós é cunhado do meu irmão, até da igreja ele é. A gente nunca tinha feito isso antes não. A gente só bebia e fumava maconha mesmo. Maconha eu fumo desde os treze anos. Comecei a fumar escondido da minha mãe. Esse dia a gente tinha bebido e fumado maconha. E a gente estava precisando de dinheiro. A gente tava num bar lá na BR e tivemos essa ideia. A arma era de um amigo nosso que emprestou pra gente.

Durante o assalto eu era o motorista da van. Eu sei dirigir carro. Aí me prenderam junto com a turma toda que fizeram o assalto. O cara de maior que tava com a gente pegou dezessete anos, os outros dois eram de menor também como eu e foram soltos. E eu fui solto porque eu tinha um filho e porque eu era de menor. A defensoria pública entendeu o meu lado. Hoje o de maior responde em liberdade e só eu que não entendi o que aconteceu comigo pra mim está preso.

Eu tenho dezessete anos e já tenho dois filhos. Tive um com cada mulher. Já casei duas vezes. Eu fui pai com quatorze anos. O meu filho mais velho tem dois anos, já está perto de fazer três e a mais nova, filha da minha outra mulher é uma

menina, tem dez meses.²⁰

Eu casei a primeira vez eu tinha treze anos e a minha mulher tinha vinte. Quando eu tinha quatorze anos eu fiz um filho nela. Quando o meu filho tinha seis meses ela me abandonou e foi embora. Depois de um tempo eu comecei a namorar com essa outra mulher que é a mãe da minha filha. Ela tem trinta e dois anos.

Quando eu casei a primeira vez a minha mãe dizia que era pedofilia, que ia denunciar a minha mulher, porque eu só tinha treze anos. Mas minha mãe não fez isso, porque o meu pai não deixou. Pra mim isso não tinha nada demais. Eu sempre gostei de mulher mais velha.

O meu sonho é ser piloto de Fórmula Um. Participar de corridas. Eu gosto muito de carros. Eu gosto muito de dirigir. Não sei se um dia vou realizar esse sonho. Mas pelo menos ser motorista já fico feliz, porque eu gosto muito de dirigir.

Quando eu sair daqui eu quero estudar e trabalhar pra ajudar a minha família e criar os meus filhos. Estou muito preocupado com os meus filhos. Estou aqui preso e eles estão passando por dificuldade. Lá no meu QC eu choro muito preocupado com os meus filhos. Eu amo demais os meus filhos. Por eles eu sou capaz de tudo. Até esse ato errado eu fiz porque fiquei desesperado vendo o meu filho doente. Mas nunca mais vou fazer coisas erradas, porque só vai prejudicar eu e os meus filhos. E eu jamais farei algo pra prejudicar eles. Eu não quero ver meus filhos chorando. Não quero que aconteça de novo isso que está acontecendo agora.

Eu sinto muita falta dos meus filhos. Pelo menos a minha mãe trás os meus filhos pra me visitar. Uma semana vem o meu filho e na outra semana vem a minha filha. Não vejo a hora de sair daqui pra cuidar deles. Vai fazer quatro meses que eu estou aqui. Mas parece que já foi um ano. Viver longe dos meus filhos é muito doloroso.

²⁰ Ao falar dos filhos ele abre um lindo sorriso. Uma cara de felicidade invade aquele momento. Percebe-se o imenso amor que ele sente pelos filhos.

Eu não sou um monstro

O meu nome é Carlos Eduardo. Eu sou de Parauapebas, no sudeste do Pará. Eu já tenho dezoito anos. Mas não me tiraram daqui porque a minha sentença já está terminando. E estão organizando a minha saída daqui. É porque eu estou de protetiva. Então, quando eu sair vão me levar pra São Paulo. A assistente social já está organizando tudo. Ela vai até me acompanhar com a minha mãe, com policiais e tudo mais pra garantir a minha segurança e integridade física. Tenho que ir para um lugar bem longe porque estou ameaçado de morte. Querem me matar. Já tentaram me matar. Quando eu cometi a infração eu cumpria a pena no CIAM de Marabá e lá tentaram me matar durante uma rebelião. E por esse motivo me trouxeram pra cá. Querem me matar por causa do delito que eu cometi. O que eu fiz os caras dizem que é sem perdão. Tenho que pagar com a própria vida. Falando assim, você já deve está imaginando o que eu fiz. Eu fiz uma loucura mesmo.

Esses mais de dois anos que estou aqui pensei muito na minha vida e nessas coisas que eu fiz. Não sei como eu fiz isso. Mas infelizmente aconteceu. Mas eu me arrependo muito. Eu não sou bandido não. Nunca tinha nada de errado na vida. Sou evangélico desde que nasci. Morava com meu pai, minha mãe e os meus dois irmãos mais novos. Somos uma família de bem. Uma família classe média.

Eu levava uma vida normal. Estudava o segundo ano. Frequentava a igreja quase todo dia com a minha família. Mas depois que mudamos para nossa casa nova no bairro da Nova Carajás em Parauapebas conheci novos amigos e com esses amigos comecei a usar maconha. Mas só usávamos maconha mesmo. Essa galera ninguém fazia nada de errado não. Ninguém roubava. A gente comprava a massa com nosso dinheiro. Quem vendia a parada pra nós era o filho do pastor da igreja da rua da minha casa.

Um dia um amigo de F1²¹ apareceu com um revólver 38 oferecendo pra gente. E eu acabei trocando no meu Playstation. Eu queria o revólver pra me defender. O bairro onde eu morava era muito perigoso. Uns dias atrás tinham me assaltado e levado o meu celular. Era só para isso mesmo essa arma. Escondi no meu quarto,

²¹ Significa consumir maconha.

ninguém da minha família sabia.

Eu estudava de manhã. E os meus irmãos à tarde. Meus pais trabalhavam o dia todo. Então, durante a tarde eu ficava sozinho em casa. A rua da minha casa era bem deserta. Na frente tinha uma matinha, que era uma reserva florestal. Toda tarde eu ficava na frente de casa sozinho fumando maconha lá. Outras vezes estava com os meus amigos.

Um dia eu estava sozinho na frente de casa. Fumando maconha e segurando o meu revólver e não resisti e fiz uma loucura. Estava passando uma mulher na rua e quando ela se aproximou de mim eu fui até ela com o revólver e disse pra ela ficar calada, se não eu ia atirar nela. Eu levei ela para matinha e fiz sexo com ela. Mas eu não agredi ela não. Eu não bati nela. Não fiz nada de errado com ela. Só fiz sexo mesmo.

Mas eu não parei por aí, fui dominado por uma força maligna do demônio e pratiquei isso outras três vezes com outras mulheres. Era sempre o mesmo ritual. Eu seguia as mulheres, ameaçava matar elas e levava para a matinha lá onde eu fazia sexo com elas. Nunca bati em nenhuma. Só rolava sexo mesmo.

Eu fui pego pela polícia porque na frente da casa de um vizinho tinha câmera e foi gravado tudo. Eu abordando a mulher com a arma e levando pra matinha. Assim eu fui reconhecido e a polícia chegou em mim.

O crime teve muita repercussão na cidade. Fiquei conhecido como o maníaco da Nova Carajás. Saiu em tudo que é jornal de lá. Até na televisão saiu o meu vídeo levando a mulher pra mata. E agora estou aqui. Mas já paguei pelo o erro que cometi.

Foi muito difícil ficar aqui esses mais de dois anos isolado. A solidão dói muito. Porque aqui tem muita atividade. Os caras participam de jogos. De atividades às vezes até fora daqui. Ficam juntos. E eu como um bicho. Sabe... me trataram como um monstro mesmo. Nunca participei de nada. Sempre sozinho. Sempre isolado. Mas diziam que era para o meu bem. Era pra me proteger.

Aqui onde vivo as condições são péssimas. É uma situação sub-humana. Aqui é cheio de mosquitos, que me picam. As minhas pernas e os meus braços estão todo feridos. Em carne viva de alergia. Quando chove até me molha. Isso aqui é uma solitária. Nem energia tem. Eu já falei pra técnica chamar o pessoal dos

direitos humanos. Eu sei dos meus direitos. Eu leio muito. Eu gosto muito de Direito. Eu vou ser advogado. Quando eu sair daqui eu vou fazer Enem. O que mais eu fiz aqui foi estudar. As técnicas sempre traziam livros para eu ler. Eu li a Constituição, Direito Civil, Direito Penal, também li o Direitos Humanos. Me encantei por Direito e é isso o que eu quero pra minha vida.

Tenho consciência que o delito que eu cometi é muito grave. Mas pra justiça eu já paguei e já pedi perdão pra Deus. E sei que ele me perdoou. Então, quando eu sair daqui é começar uma vida nova. Vou estudar muito e ser um grande advogado. Pra combater as injustiças sociais do nosso país.

E apesar desse crime que eu fiz eu não sou um monstro como as pessoas falam. As pessoas desejam que eu morra. Até os outros internos querem me matar. Eles me julgam. O que eu fiz é errado. Mas eu não tirei a vida de ninguém, então essas mulheres terão a chance de refazer as vidas delas. E eu oro muito pra Deus pra que elas superem o trauma que passaram e que estejam bem e sejam felizes. O que eu fiz com elas pode ser superado um dia. Mas as vidas delas foram preservadas. Já a maioria dos que estão aqui mataram e não tem como trazer a vida das pessoas de volta. E por isso eles não podem me julgar. Eu não sou um monstro!

Eu tenho só quinze anos e já matei cinco pessoas

O meu nome é Jeremias. Eu tenho quinze anos. Sou do Aurá, bairro de Ananindeua. Eu estudei até a sétima série, apesar de tudo o que eu fazia, eu ainda conseguia ir pra escola. Na verdade, eu até gostava de estudar. Eu era meio preguiçoso assim, mas era bom ir pra escola. E ainda conseguia passar. Mas era subornando os meus colegas pra fazer as minhas atividades. Eu pagava pra colocarem o meu nome nos trabalhos. E na escola eu era de boa. Não arrumava confusão. Respeitava os professores. Todo mundo gostava de mim.

Comecei a usar drogas com dez anos de idade com os meus irmãos, vizinhos e colegas da rua. Eu comecei com maconha. Cada dia usava mais maconha. E depois comecei a usar cocaína. E fiz muitas coisas que não devia ter feito. Como

roubar e matar. Eu tenho só quinze anos e já matei cinco pessoas. Sei exatamente que foram cinco, porque a gente não consegue esquecer isso nunca na vida. Quando eu penso nessas coisas que eu fiz, até eu mesmo me surpreendo com o que eu fui capaz de fazer. Às vezes até acho que só foi um sonho ruim.

Os meus irmãos e amigos já eram do tráfico, tipo assim, aconteceu de boa. Quando eu percebi, eu já estava fazendo os corres e tudo mais.

Os crimes foram rápidos e sem dor. Pelo mesmo eu acho que eles não sentiram dor. Só a dor da morte mesmo, sabe?

O mundo do tráfico é um mundo paralelo. Tu entra de brincadeira, sem saber como é, e depois que tu tá lá, já é tarde demais, irmão. E tu vende a tua alma para o capeta. E é obrigado a fazer o que ele quer. O patrão usa nós de menor pra fazer os acerto²². Ele fala que não dar nada para de menor. É mesmo um mundo paralelo. Você entendeu?

É uma sociedade paralela. Não posso nem falar muito sobre esse mundo. É uma sociedade secreta. Só quem faz parte sabe a verdade, porque não se pode revelar os segredos. Deixa eu pensar o que eu posso falar...

Posso falar que... que... que o traficante não produz as armas e drogas. E isso não cai do céu. Tu entende o meu papo, irmão? Todo mundo acha que tráfico é coisa pobre e da favela. São tão sem noção, porque não conhecem como esse mundo paralelo funciona. Apenas usam a nossa necessidade e a nossa burrice de acreditar que vamos se dar bem com esse corre. Só quem se dar bem é o verdadeiro chefe, meu irmão. E não esses traficantezinhos de merda do nosso setor, que são só usados também como nós.

A polícia combatendo tráfico pra mim é uma piada. A polícia só chega em nós de menor. A polícia só tira graça de preto e pobre. Por isso, odeio a polícia, porque o verdadeiro chefe do tráfico tá lá de boa nos seus castelos e nós engaiolado aqui.

Sou um cara muito sincero. Sempre fui muito homem e assumi as coisas que fiz, não sou como certos caras por aí. E falo mesmo. Eu não me arrependi de ter matado essas pessoas. Porque tens uns caras que depois que estão aqui têm um

²² Refere-se a acerto de contas – matar.

papinho de arrependido.

Mano, eu não me arrependo mesmo não. Quando eu sair daqui e passar por essa mesma situação e tiver que me defender eu vou matar sim. A vida do crime é assim mesmo, matar ou morrer. E eu prefiro matar.

Mesmo sabendo que posso voltar pra cá ou ir para um presídio de adulto. Pra me defender eu não penso duas vezes. Eu mato mesmo.

Existe céu e existe o inferno. O inimigo está sempre do teu lado te falando pra fazer coisas erradas. E como tu tá longe de Deus o inimigo penetra na tua mente e tu faz coisas que não devia fazer. E quando tu vai ver já é tarde demais. O inimigo já te usou. Tu deu brecha pra ele entrar na tua vida.

Eu sou todo errado assim, mas eu conheço a palavra de Deus. A minha família é evangélica. Eu nasci e cresci na igreja. Aqui eu tô indo para os cultos. O pastor disse que Deus vai fazer um milagre na minha vida. Mas eu não sei de nada não.

Quando eu sair daqui a minha vida vai ser a mesma.
Não quero nem me iludir. E depois me decepcionar.
Lá fora tudo é muito difícil pra gente.
Gente como eu não tem solução.
Eu sei que tudo o que fiz é errado.
Eu sei que foi coisa do inimigo. Mas não sei se tenho forças pra mudar.
Às vezes eu penso que é o meu coração que é ruim mesmo.
Eu só lamento pela minha mãe.
Sempre me dar uma vontade de chorar vendo a minha mãe vindo aqui
me visitar.
Futuro?
Só Deus sabe.
Pra mim?
Pra mim futuro não existe.
Pra mim o futuro é a morte.²³

²³ Recebi a notícia que esse menino-pássaro saiu de liberdade assistida no mês de janeiro (2020) e, quinze dias após a sua saída, foi assassinado. Mais um menino-pássaro abatido.

Figura 1 – Apresentação do espetáculo - 2019



Fonte: Arquivo pessoal Marcelo Castro

O primeiro passo em direção à composição do espetáculo foi a escolha da temática, não cheguei com nada definido, queria ouvi-los. Mediante a evolução dos jogos teatrais e do Teatro do Oprimido realizados nos laboratórios, ficou nítido que tínhamos que falar da realidade dos meninos-pássaros. E ao longo das nossas conversas ficou decidido pelo grupo que iríamos retratar a vida deles a partir das bioescritas desenvolvidas ao longo dos meses do projeto.

Quando escolhemos contar a história deles na instituição, foi lançado para o grupo o aspecto de transformação da vida deles ao entrarem na unidade e ao saírem. O objetivo da instituição é justamente a busca por essa transformação. E, ao longo de todo o percurso, desenvolvia-se a reflexão sobre a vida deles, tudo o que passaram antes e durante o período em que estavam privados de liberdade.

Como eu pretendia trabalhar com eles uma estética de transformação, adotei o livro *A Metamorfose*, de Kafka, e em cada laboratório líamos algumas páginas. Em quatro laboratórios, concluímos a leitura. Essa atividade foi importante para observarmos como o autor construiu a sua estética na obra literária, criando uma forte e marcante imagem, a transformação do protagonista num imenso inseto. Durante a leitura, discutíamos as situações vividas pelo personagem,

relacionando-as à vida dos meninos.

Um fenômeno interessante manifestou-se nos laboratórios de criação: desde os primeiros jogos o grupo já começou o processo de improvisação e criação de movimentos. E, assim, a ovulação do espetáculo desenvolvia-se, gerado nos laboratórios férteis do treinamento psicofísico, dos jogos teatrais e do Teatro do Oprimido. Durante a execução dos jogos, o grupo criava um movimento a partir da improvisação. Então, eu fotografava e anotava para fazer a fixação desse movimento, ou seja, o movimento criado passava a compor a partitura da dramaturgia. Logo, a criação coletiva deu-se por meio da improvisação que foi estimulada nas oficinas com os jogos teatrais de Spolin e Boal, que aqui ganhou o status de método de criação. E, ao se retomar o sentido do termo bricolagem em francês *bricolage*, que significa “faça você mesmo”, fica evidente o sentido de improviso e criação. Portanto, a bricolagem foi utilizada como (i) meu método para gestar a experimentação e (ii) metodologia de criação cênica, garantindo uma costura perfeita nas peças do espetáculo.

Valendo-nos da música *Rios, Pontes e Overdrives*²⁴ como indutor de criação, desenvolvemos a construção do personagem protagonista *um Molambo*, uma espécie de marionete que seria manipulada pelos demais personagens, para representar a manipulação sofrida pelos meninos em consequência das drogas e do crime. Os atos constituídos de composição de movimentos corporais reproduziram uma sequência de ações, as quais retratavam a realidade que esses adolescentes viveram nas ruas até o momento em que chegaram à unidade socioeducativa, por exemplo, o contato com as drogas, alucinações provocadas pelo uso de substâncias psicoativas, crimes, a detenção, etc.

Quando o foco era a vida na unidade, observava-se a rotina do encarceramento, reproduzindo algumas situações vivenciadas por eles, como interação, brigas, conflitos com a monitoria, uso de drogas, rebeliões, tentativas de fugas, além de bons momentos, como as amizades, os cuidados, a proteção, a escola, a música, o tão emotivo dia de visita²⁵, a dança – como gostavam de dançar

²⁴ Composição de Chico Science.

²⁵ Emociono-me ao me lembrar de vê-los cantando “*Sinto uma grande vontade de chorar ao ver a minha mãe aqui vindo me visitar*” (música *Dia de Visita* do grupo de rap Realidade Cruel).

esses meninos! –, o nosso teatro que, por algumas horas, pela imaginação voavam daquele lugar. E não poderia faltar o futebol que tanto amavam. Para fechar, eram estimulados a sonhar ainda mais durante o grande momento: o voo do pássaro, simbolizando não somente a saída da instituição, mas também o voo das suas vidas.

Nos títulos dos atos, desenvolvi uma bricolagem, utilizando títulos criados pelos meninos-pássaros, com as gírias características da linguagem deles e títulos criados por mim, seguindo a poética que conduziu esse experimento.

Desenhamos uma narrativa poética com o jogo *Mergulho confiando* para costurar todos os atos, que foram bricolados com exercícios do treinamento psicofísico, improvisações de alguns jogos teatrais, como *Cabo de guerra* (SPOLIN, 2014, Ficha B34), Jogo *Playground* (SPOLIN, 2014, Ficha A23), esculturas humanas criadas nas sessões de Teatro imagem, dança e saltos improvisados com outros desenhos corporais criados pelos meninos-pássaros, e, assim, gerou-se a nossa partitura cênica do espetáculo. Com o roteiro pronto, iniciamos os ensaios.

Ao longo dos meses de ensaio, vivemos uma relação somática intensa, os nossos corpos encontraram-se, conheceram-se, tocaram-se, sentiram-se, atraíram-se, descobriram-se e escolheram-se, assim fui conduzido a atuar com o elenco, interpretando o personagem Molambo, que no início seria o protagonista. Mas, no decorrer dos ensaios, o boneco-corpo foi desaparecendo, exercendo a sua verdadeira função. Ali, eu, de olhos fechados, era guiado pelos meninos-pássaros, que foram os protagonistas do espetáculo e dessa experimentação.

Nos ensaios, fazíamos um revezamento entre os atores e todos atuavam como o personagem Molambo. Contudo, fui notando uma sintonia melhor quando era a minha vez de performar o Molambo. Percebi que o elenco interagiu melhor manipulando o meu corpo do que o dos demais atores. E, num certo dia, todos nós sentados no chão, num momento de avaliação no final do ensaio, conversamos sobre esse fenômeno. Perguntei ao grupo com que ator eles mais se sentiam à vontade para interagir. E a resposta de todos foi que, realmente, sentiam-se mais seguros e tinham mais liberdade em manusearem o meu corpo,

ainda disseram que queriam que eu participasse do espetáculo, pois ficariam mais seguros comigo ao lado deles. Como resistir a esse convite?

No dia vinte e quatro de janeiro de dois mil e vinte, dia de visita, apresentamos o espetáculo para os familiares dos meninos-pássaros. Entretanto, poucos parentes compareceram, como de costume. E somente e sempre, as mães. Alguns meninos-pássaros estavam meses sem receber uma visita, outros nunca receberam uma visita, então eles ficaram apreensivos, na expectativa de encontrarem suas famílias e apresentarem para eles. Porém, a frustração e decepção mais uma vez resolveram adentrar em suas vidas. O importante é que, apesar desse triste fato, eles conseguiram ter ânimo e fizeram uma linda e empolgante apresentação.

O espetáculo *O voo dos meninos-pássaros*, criação coletiva, gerada por nove meses, com muito amor e dedicação, foi uma vivência extremamente emocionante e surpreendente. Os meninos estavam perfeitos, entregues à cena, corpos pulsantes e movimentos esteticamente muito bem executados, não houve erros ou falhas. Tudo com perfeito sincronismo. Tudo fluiu harmoniosamente e com muita improvisação e segurança. Parecia que o teatro lhes era familiar, pois, em apenas nove meses de laboratórios, conseguiram um resultado tão potente e expressivo.

E, eu, na cena, vivendo o Molambo, de olhos fechados, flutuando no ar, sendo conduzido por eles numa sensação única e indescritível. Ali, totalmente entregue naquele momento mágico, em que nossos corpos brincavam. Parecia-me estar sonhando. Sim, foi um lindo sonho. Todavia, após todo bom sonho sempre vem um lado ruim: a realidade sempre nos desperta, trazendo-nos de volta ao caos do mundo real. Então, abri os olhos e percebi que a nossa caminhada tinha chegado ao fim. Depois de nove meses, quarenta semanas e duzentos e oitenta dias, chegou o tão difícil momento da partida. E chorei.

E, ao recordar de tudo, percebo que todas essas opressões sofridas ao longo da medida socioeducativa, as quais, em alguns casos podem chegar até três anos, marcam esses corpos, porque o corpo não esconde nada, ele tudo mostra, identifica e revela. É o corpo que é manipulado, modelado, treinado, imitado e padronizado, que obedece e responde aos estímulos, sendo assim, uma

construção social. E do mesmo modo que as opressões marcam o corpo, as ações libertárias também marcam. Fátima Freire discorre sobre essas marcas e acentua: “Aprendizados marcam o corpo [...] quem educa marca o corpo do outro. Porque o que é educar senão ter ousadia, coragem e generosidade amorosa de interferir no processo do outro?” (DOWBOR, 2008, p. 31). Assim, as metodologias teatrais utilizadas na experimentação forneceram possibilidades de esses corpos se libertarem.

Ao longo desses nove meses na unidade, foi possível observar esses meninos-pássaros reconhecendo seus corpos, descobrindo também o corpo do outro, e isso facilitou as relações de cumplicidade em cena, implicando mudanças na relação desses meninos com eles mesmos e com os colegas. O corpo é alomórfico e molda-se a estímulos, então, foi possível notar nos corpos dos meninos-pássaros o processo de metamorfose da (des)-construção corporal e construção artística como (re)-descoberta de si.

Portanto, foi emocionante vivenciar as potencialidades do teatro no processo de ressocialização de adolescentes privados de liberdade. Olhar naqueles olhos vibrantes deles, dava-me a garantia que essa vivência os afetou intensamente. Embora por alguns momentos, essa experiência teatral transformou aquele ambiente hostil de aprisionamento em um espaço colorido, onde foi possível resgatar os sonhos adormecidos dos meninos-pássaros. Meus olhos ficavam repletos de emoção ao sentir que os meninos-pássaros conseguiram descobrir que não eram apenas espectadores, e sim autores e atores de suas vidas e estavam preparados para voar por esses céus desafiadores da nossa sociedade.

Referências

BOAL, Augusto. *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

DOWBOR, Fátima freire. *Quem educa marca o corpo do outro*. Fátima freire Dowbor; organizadoras Sonia Lúcia Carvalho, Deise Aparecida Luppi. 2, ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. (tradução de Ingrid

Dormien Koudela). São Paulo: Perspectiva, 2014.

Recebido em: 15/10/2020

Aprovado em: 17/11/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro - PPGT
Centro de Arte - CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br